



MONOGRAFIA de PRAGMÁTICA: MÁXIMAS DE GREICE

E

ATOS DE LINGAGEM DE AUSTIN

Professora: Márcia Dresch

**Alunas :Circe Helena Rodrigues e
Simone Mazzilli da Rosa**

**Porto Alegre
Maio de 2005**

SUMÁRIO

Introdução _____	3
Fundamentação teórica _____	4
Metodologia _____	7
Análise _____	8
Conclusão _____	11
Referência Bibliográfica _____	12
Anexos _____	13

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito apresentar a teoria de Grice, em relação ao Princípio de Cooperação, as máximas de quantidade, qualidade, relevância e modo e, as implicaturas: convencionais, conversacionais particularizadas e conversacionais generalizadas. O foco do trabalho é dado na Máxima de Quantidade, ou seja, após apresentar as teorias de uma forma abrangente, é essa máxima que vai dar embasamento para a análise minuciosa que será feita.

A linha teórica que fundamentará este trabalho é a do teórico Grice. Seus conceitos e suas obras é que explicarão e serão a base tanto para a explicações teóricas como para a análise dos exemplos.

Primeiramente serão apresentadas as questões teóricas sobre o assunto em questão, seguido de exemplos sobre a máxima de quantidade e a análise dos mesmos. Uma breve explicação sobre a metodologia usada para a realização deste trabalho também estará presente para que se possa compreender de que forma buscou-se as questões relacionadas com as máximas e a teoria de Grice de forma geral.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O modelo teórico de Grice é que vai dar o embasamento teórico para este trabalho, uma vez que, este modelo consiste que “ao se comunicarem, as pessoas aderem a certas regras de conduta, relativas ao modo como os participantes de uma conversa fazem suas contribuições conversacionais”. Dentre essas regras, uma é merecedora de destaque para este trabalho. É a regra que afirma que as pessoas fazem contribuições, na comunicação, procurando ser o mais cooperativas umas com as outras, para assim terem uma comunicação mais eficiente. Para isso, seguem “sub-regras” como fazer perguntas, responder às questões feitas, esperar sua vez de falar, dar informações quando solicitado, entre outras.

Ainda em um ponto de vista mais amplo sobre sua teoria, Grice garante que as conversas são apenas “esforços cooperativos, em que as pessoas seguem convencionalmente um princípio geral de cooperação quando se comunicam”. Este princípio que vem sendo desde o início esclarecido, é denominado Princípio Cooperativo (PC). O teórico ainda aponta um conjunto de quatro máximas para que uma comunicação seja bem sucedida. São elas: Máxima de Quantidade, que garante que só se deve dar informações em quantidades suficientes; Máxima de Qualidade, que diz que só se deve afirmar aquilo que for verdade; Máxima da Relevância, que expressa que o enunciador deve ser relevante e; Máxima de Modo, que afirma que se deve ser claro nas enunciações.

Grice afirma que este Princípio Cooperativo, embora tenha sido desenvolvido pensando-se apenas na linguagem oral, é igualmente aplicável na linguagem escrita. Isso pode ocorrer, uma vez que o texto escrito, igualmente como o texto falado, faz parte de uma interação (Hoey & Winter, 1986). Essa interação é contida de um autor que envia uma mensagem a um ou mais leitores. O autor conta com a participação do leitor para dar sentido ao texto e as suas aparentes contradições, uma vez que o autor dá forma ao seu texto segundo as expectativas dos leitores e as intuições que o autor tem em relação a reação do leitor. A interação se dá por completa quando o leitor é capaz de preencher as lacunas do texto, contribuindo com os conhecimentos que dele são esperados. O texto,

então, é o veículo para que haja um encontro, um diálogo e uma interação entre o autor e o leitor.

Após esta breve explicação em relação às máximas greicianas (quantidade, qualidade, relevância e modo)- que tentam orientar o escritor no momento de criação do texto, fazê-lo dando informações em quantidade suficiente e, ao mesmo tempo, fazê-lo de forma sincera, relevante e clara. Deve-se explorar um pouco a idéia de “implicatura”, também exposta pelo mesmo teórico.

Grice apresenta a relação que as máximas, abordadas anteriormente, têm com as inferências. Esse processo de inferências tem um papel de muita importância para a compreensão do texto. É este processo que ajuda o leitor a chegar ao sentido real do texto. É visto que o sentido real ou a intenção do autor nem sempre está implícita nas palavras escritas, mas vê-se implícita nas entrelinhas. Assim, o leitor só tem a possibilidade de compreender o que texto, na sua forma real, se utilizar o seu conhecimento do sentido literal, juntamente com outros conhecimentos. “No instante em que o são feitas estas inferências, o leitor passa do nível do que é escrito para o nível do que é inferido” (Mauro Santos).

Segundo Grice, as inferências podem ser geradas de duas formas distintas, dependendo apenas da atitude do autor frente às máximas. Uma maneira é quando o autor obedece as máximas (sua atitude é de obediência das máximas). Essas inferências, que obedecem as máximas são chamadas de implicaturas.

A outra maneira pela qual as inferências são geradas, acontece quando o autor, propositalmente, desobedece às máximas. Esse fato é denominado, pelo teórico em questão, como *extrapolação*. É nestes casos que o leitor é forçado a supor que, mesmo estando sendo violada uma máxima no nível do que é escrita, esta máxima está sendo obedecida no nível do que é inferido. São denominadas implicaturas especiais as inferências geradas como resultados da *extrapolação*.

Como afirma Grice, em *Pragmática- problemas, críticas, perspectivas da lingüística* (1982), e outros lógicos, parece haver divergências na significação entre alguns dos denominados *símbolos formais* (no instante em que a interpretação vista é a standard, em termos de valores de verdade) e suas possíveis contrapartes ou análogos nas línguas

naturais. Aqueles que acreditam nestas divergências garantem a existência de dois grupos rivais. Os formalistas, no qual os teóricos têm uma preocupação com a formulação de padrões gerais de inferências válidas, assim, os símbolos formais possuem uma vantagem sobre suas contrapartes em línguas naturais; e os informalistas, que garantem que a exigência filosófica de uma linguagem ideal é feita de pressupostos que não podem ser aceitos. Dentro de todas essas questões, sabe-se que não há dúvida de que os símbolos formais são sensíveis a um tratamento sistemático pelo lógico. Embora haja divergências entre os grupos, deve-se sustentar a idéia que para ambos o fato de existirem divergências, em linhas gerais, é um erro, acontecendo este pelo fato de os lógicos não prestarem atenção à natureza das condições que governam o ato de conversar.

Na seqüência de suas idéias, Grice, no mesmo texto citado anteriormente, apresenta, a partir de exemplos, a palavra *implicatura*. Pode-se dizer que o que alguém diz está diretamente relacionado ao significado convencional das palavras que está sendo usada, assim o que está na percepção do outro indivíduo é o que é *implicado*. Em alguns casos a significação convencional das palavras determinará o que é implicado e ainda ajuda na determinação do que é dito.

Algumas implicaturas são convencionais, contrária a aquela falada no início da discussão sobre implicaturas. Resumidamente, pode-se delimitar as implicaturas, em: implicatura convencional, que depende do código; implicatura conversacional particularizada, que depende do contexto e; implicatura conversacional generalizada, que depende tanto do contexto como do código. A partir destas questões, pode-se falar no *Princípio de Cooperação*, que aparece nos casos em que os movimentos conversacionais seriam excluídos como inadequados. Surge então este princípio, no qual os participantes devem fazer suas contribuições conversacionais tais como são requeridas.

É a partir da aceitação deste determinado princípio que aparecem as máximas e as submáximas greicinas, já explicitadas no início deste trabalho. Para exemplificação e análise mais minuciosa de uma parte mais específica deste trabalho, dentro de todas as questões apresentadas, foi selecionado o item de *máxima de quantidade*, que será abordado mais profundamente na própria análise.

METODOLOGIA

Primeiramente, para a realização deste trabalho, foram dadas as definições teóricas sobre as Implicaturas, o Princípio de Cooperação, as Máximas e suas subdivisões, caracterizadas, em grande parte, por Grice. Após este momento, foi selecionado um ponto, dentro deste conteúdo para uma análise mais específica. A fatia retirada para interpretação foi a Máxima de Quantidade, que diz respeito àquela informação que é dada na quantidade suficiente, sem excessos e nem defasagens.

Para a realização deste trabalho, foram selecionados exemplos do uso real da língua escrita, colhidos de uma diversidade de materiais, como: jornais, revistas, livros, textos, entre outros, para que se pudesse fazer uma análise aprofundada da freqüente violação do uso da Máxima de Quantidade. Estes exemplos foram verificados e explorados segundo à Teoria defendida no corpo do trabalho. Dentro das diversas características, selecionou-se esta Máxima, por ser esta uma das mais evidentes dentro dos textos.

ANÁLISE

Antes de começar a analisar os exemplos para este trabalho, é necessário apresentar e aprofundar as explicações sobre as *máximas de quantidade*, item que previamente foi selecionado para ser analisado nesta parte do trabalho. Anteriormente esta máxima foi sucintamente apresentada como aquela que garante que só se deve dar informações em quantidades suficientes.

Essa categoria de *quantidade* está diretamente relacionada com a quantidade de informações a ser fornecida. A ela, pode-se dizer que correspondem duas máximas que dizem: a) a contribuição do falante deve ser tão informativa quanto requerido (para a determinada conversação); b) o falante não deve fazer sua contribuição mais do que é requerido, sendo esta segunda máxima questionável, uma vez que pode-se dizer que o super-informativo não é uma transgressão do Princípio da Cooperação, é apenas a perda de tempo. No entanto essa super-informatividade pode resultar em confusão no ângulo em que é capaz de gerar questões secundárias.

Segundo o texto *Parâmetros de textualização*, que complementa o que já foi dito anteriormente, a máxima de quantidade tem a ver com a quantidade de informações que o “leitor” espera que o autor apresente no seu texto. A contribuição na comunicação deve ser feita tanto no âmbito informativo, quanto no âmbito do que é necessário. Pode-se dizer então que a comunicação deve ser feita de forma cooperativa para que seja boa. Assim, os “autores” devem apresentar nos seus textos as informações esperadas, sem lacunas (para não deixar o texto “incompleto”) e nem excesso (para não deixar a possibilidade de interpretações secundárias) de dados.

A repetição desnecessária de idéias ou expressões não obedece a Máxima de Quantidade, uma vez que a informação oferecida não é nova no nível do que é escrito. Pode-se ver no exemplo apresentado no texto de Grice: *Chico era Chico. Dudu era Dudu*. O leitor, imaginando que o Princípio de Cooperação está sendo obedecido, tende a inferir o que está implícito. Há uma implicatura então de que cada personagem tem suas próprias características. Assim, o que é implicado vai depender do conhecimento do contexto em que as frases estão presentes.

Um outro exemplo, que também apresenta falhas no uso da máxima de quantidade, exposto no texto de Grice, e que merece ser apresentado é o seguinte:

“Se você está me ajudando a consertar um carro, espero que sua contribuição seja nem mais nem menos do que o exigido; espera-se que você alcance quatro parafusos e não dois e nem seis”.

Parte-se, nesse instante para a análise de alguns exemplos que estão fora dos textos teóricos. Exemplos retirados de revistas, jornais, textos, livros, entre outros materiais. Pode-se iniciar as análises a partir de dois exemplos, retirados de diálogos de autores desconhecidos, retirados de leituras feitas com o propósito de achar exemplos do uso incorreto da máxima de quantidade:

A: Você tem medo de altura?

B: O que você acha?

Pode-se dizer que a máxima de quantidade foi violada, mas apenas ela. A máxima de relevância também foi infringida, uma vez que B aparentemente não oferece uma resposta direta à indagação de A. B enuncia “o que você acha?”, aparentemente violando as máximas de quantidade e relevância, mas supõe que A, a partir de suas evidências comportamentais, pode concluir por “Sim, eu tenho medo de altura” ou “Não, não tenho medo de altura”. A, por sua vez, ao ouvir o enunciado de B, supõe que, apesar das aparentes violações, B mantém-se cooperativo.

O segundo exemplo a ser analisado é o seguinte:

A: Onde está Carla?

B: Ela está cuidando de uma menina.

Neste exemplo, a falta de especificidade da fala (enunciado) de B, ao utilizar a expressão “uma menina” sugere a violação da máxima de quantidade. Há uma tendência a uma interpretação que não depende do contexto particular, assim, é mais generalizada (no âmbito que “uma menina” não seria usado para referir alguém conhecido de A). Assim, ao utilizar o sintagma nominal indefinido, B visivelmente viola a máxima de quantidade. No entanto, A permanece supondo que B seja cooperativo. Dessa forma, A pondera que, se B não pode ser específico, é devido o indivíduo em questão não ser conhecido de A, nem de B e nem ter ligação íntima a Carla.

Vê-se que as máximas, independentemente de qual for, pode ser violada com a finalidade de criar diferentes tipos de implicaturas. No primeiro exemplo apresentado vê-se a falha intencional na máxima de quantidade para que se pudesse interpretar os diferentes contextos possíveis, baseadas numa implicatura denominada: Implicatura conversacional particularizada. No segundo exemplo o autor ao “falhar” na mesma máxima busca interpretar o texto a partir de um outro tipo de implicatura, denominado: Implicatura conversacional generalizada, ambas já explicitadas anteriormente.

Nos dois próximos exemplos há uma violação na máxima de quantidade, porém sob ângulos distintos, isto é, um por falta de informações e o outro por excesso de informações. Estes dois extremos causam a “falha” na máxima em questão. Vê-se o terceiro exemplo, no qual há a violação de uma máxima de quantidade para que se possa obter uma implicatura convencional:

A - O que você pensa dos judeus?

B - Um judeu é um judeu.

A tautologia, nesse sentido, representa uma violação voluntária da máxima da quantidade no sentido que B resolve responder a pergunta como uma afirmação que é redundante para implicar que judeu não é, apenas, um povo particular, mas algo de especial que a história registrou por tudo o que se disse dele.

Este quarto exemplo é apresentado por exibir excesso de informações, algo que também viola a máxima de quantidade:

A - Qual foi o resultado do jogo de hoje?

B - O Grêmio perdeu de dois a zero e, agora, está com três pontos atrás do Inter e saldo de golos negativo.

Neste exemplo, a resposta de B é mais informativa do que o requerido para que possa implicar que o Grêmio, além de perder, está em má situação na tabela de classificação. B acrescenta informações que não foram solicitadas por A. Esse excesso informativo é também considerado uma violação da máxima de quantidade.

Um último exemplo, agora apresentado em um texto mais completo, pode-se corroborar a idéia de que a máxima de quantidade é infringida muitas vezes no próprio ato da fala. O texto segue em anexo, mas a análise que se pode fazer dele é apresentada aqui.

A personagem (filha) do texto quebra a máxima de quantidade de Grice quando ela enche a mãe com informações para que esta não fique em dúvida se deve deixá-la ir à festa de uma amiga. A filha dá muitas informações desnecessárias para “fugir” das indagações diretas de sua mãe. O excesso de informações, como visto anteriormente é caso de violação da máxima de quantidade.

CONCLUSÃO

Sabe-se que a teoria de Grice sobre as regras que matem a comunicação interpessoal está baseada nos conceitos de Princípio de Cooperação, nas suas implicaturas e suas máximas. Foi falado que o autor que constrói os textos, partindo da idéia das máximas, pode assumir duas posições em relação ao leitor: a de ser cooperador e a de não ser cooperador. Ele será cooperador quando utilizar as máximas segundo a proposta do autor, apresentando informações suficientes (quantidade), verdadeiras (qualidade), relevantes (relevância) e claras (modo). O autor que não é cooperador exige, por desobedecer às regras, um grau de inferências e pode dificultar a compreensão da mensagem por ele escrita.

Em relação à Máxima de Quantidade, escolhida para uma análise aprofundada, pôde-se perceber os exemplos analisados fazem jus a teoria de Grice. A teoria funciona perfeitamente. É visto que, realmente, quando são dadas informações em excesso, o texto, perde sua essência, uma vez que, as informações começam a se repetir e assim as tornam confusas e possibilitam que o leitor tenha uma segunda visão daquilo que está escrito. No caso de o texto apresentar informações escassas, ou seja, incompletas o texto fica “sem nexos”, fazendo com que o leitor faça muitas implicações. É necessário então, conhecer o contexto em que o texto está inserido.

Assim, como o próprio Grice afirma deve-se falar apenas aquilo que é necessário. Ela como, vista nos exemplos, tem a ver com quantidade de informações que espera-se que o autor apresente no seu texto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In DASCAL, Marcelo (org.). *Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da lingüística – bibliografia*. Campinas: edição do autor, 1982.

<http://www.paratexto.com.br/document.php?id=634>

MEURER, José Luiz e MOTTA- ROTH, Déssirrée (org.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora UFSM, 1997.

SILVEIRA, Jane Caetano da. Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios/ Jane Caetano da Silveira, Heloísa Pedroso de Moraes Feltes. 3ª ed- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANEXO

Diálogo entre uma mãe e sua filha de dezessete anos.

A: Oh Mããããeeeeeeeeee!!!! Sabe o que que é.... meu...te amo muito...

B: Ihhhh... O que tu quer?

A: Ai... nada... quer dizer nada de demais... é que vai ter uma festa da Carol lá no sítio dela...

B: E daí?

A: Ai sua grossa... A Carol é muito minha amiga e eu tenho que ir de qualquer jeito...

B: Ahã... E quando é? Onde é o sítio? Os pais dela vão? O seu namoradinho vai?

A: Calma... vamos por partes... É semana que vem, a gente vai Sábado e volta Domingo; os pais dela vão junto e o meu namorado não vai...ele tem campeonato de pólo... e o nome dele é Carlinhos, viu mãe!!!!

B: Então eu quero falar com os pais da Carol.

A: Como assim? Tu não confia na tua filha? Que feio, mãe...

B: Dá o telefone Marcela...

A: Ai mãe... esqueci... os pais dela estão viajando, estão no exterior... voltam na sexta feira de noite...sabe como é o pai da Carol...ele é daqueles homens importantes, que vivem viajando à negócios. E a tia Clara, sempre vai junto... ela é muito ciumenta...

B: Marcela! Tu não está tentando me enrolar, não é?

A: Mãe... que absurdo tu pensar uma coisas dessas de mim...

B: Tá... tudo bem. Eu vou te dar um voto de confiança.

A: Mami... te amo!! Tu é a melhor mãe do mundo!!!

A Mãe sai do quarto em direção à cozinha. Marcela em seguida liga para o namorado.

A: Alô? Carlinhos?

C: E aí gata... Falou com a tua mãe?

A: Está tudo certo. Sábado a gente vai. A gente se encontra na casa da Carol, ok?

C: Que horas?

A: Sete e trinta da manhã... Ela vai mandar eu pegar um táxi, porque não vai querer me levar.

C: Está certo!

A: Eu vou desligar porque ela está vindo. Beijo.

C: Tchau meu amor!